



Turismo, Ponta do Corumbau, Progresso e Sustentabilidade: Uma Investigação fenomenológica

Resumo: Conceituamos turismo como um fenômeno social que se dá pelo deslocamento de pessoas a lugares, expressão da era moderna que envolve a oferta de serviços econômicos de hospitalidade, racionalidade que impacta socialmente comunidades hospedeiras. Problematicar o turismo como fator de progresso é o nosso objeto de estudos. Os objetivos da investigação fenomenológica em Ponta do Corumbau, sul da Bahia, Brasil, foram identificar e analisar unidades de significados de narrativas de moradores sobre a ideia de progresso e sua relação com turismo. A tendência de perda do espaço é a principal preocupação dos entrevistados, em que pese a unanimidade da percepção do fenômeno turismo como portador de benefícios. A identidade étnica, o histórico da resistência comunitária, a consciência política e ecológica, são fatores de contra-tendências à expulsão espacial e pela sustentabilidade do lugar, o que motiva a ocorrência de um turismo que se realiza entre ambientes ecológicos protegidos pelo Estado.

Palavras-chave: Turismo; Ponta do Corumbau; Progresso; Sustentabilidade; Fenomenologia.

Abstract: Tourism can be conceptualized as a social phenomenon that occurs by the displacement of people to places, an expression of the modern times that involves the offer of services of hospitality, a rationality that socially impacts the host communities. The object of this study is to problematize tourism as a factor of progress. The objectives of the phenomenological research in Ponta do Corumbau, southern Bahia, Brazil, were to identify and analyze a consistency of residents' narratives about the idea of progress and its relationship with tourism. Although the main concern of the interviewees is the idea of loss of space, there is a unanimity of the perception of the tourism phenomenon as a bearer of benefits. Ethnic identity, history of community resistance, political and ecological awareness, are factors that oppose the spatial expulsion and defend the sustainability of the place, while tourism takes place between ecological environments protected by the State.

Keywords: Tourism; Ponta do Corumbau; Progress; Sustainability; Phenomenology.



1 Introdução

Conceituamos turismo como um fenômeno social que se dá pelo deslocamento de pessoas a lugares, expressão da era moderna que envolve a oferta de serviços econômicos de hospitalidade, cuja racionalidade impacta socialmente as comunidades hospedeiras.

A região de Corumbau, em pataxó, umitiurru, ou nossa área do sul, em Prado, Bahia, possui um lugar de pescadores artesanais que, traduzindo do tupi, significa “final do mundo, começo da terra”, simbolismo à ponta de areia que adentra ao oceano e que só é visível na maré baixa, daí o nome Ponta do Corumbau. O rio Corumbau o separa do Parque Nacional do Monte Pascoal Pataxó. A comunidade, de cerca de 600 moradores permanentes, em sua maioria caboclos e índios, em seu histórico de ação comunitária criou e passou a sediar a segunda Reserva Extrativista Marinha (2000) do Brasil, além de contar, em proximidades, com Reservas Particulares do Patrimônio Natural, e, em cercanias, com o Parque Nacional do Descobrimento.

Problematizar o turismo enquanto fator de progresso é a nossa questão do conhecimento, o nosso objeto de estudos da pesquisa, que foi precedida de incursões exploratórias no dia do Natal de 2002 e durante a segunda semana de janeiro de 2003.

Os objetivos da investigação fenomenológica em Ponta do Corumbau, do início de dezembro de 2003 ao final de janeiro de 2004, foram identificar e analisar unidades de significados de narrativas de moradores tradicionais sobre a ideia de progresso e sua relação com turismo. A tendência de perda do espaço é a principal preocupação dos entrevistados, em que pese a unanimidade da percepção do fenômeno turismo como portador de benefícios. A identidade étnica, o histórico da luta comunitária, a consciência política e ecológica, são fatores de contra-tendências à expulsão espacial e pela sustentabilidade do lugar, o que motiva a ocorrência de um turismo que se realiza entre ambientes ecológicos protegidos pelo Estado, por empreendedores particulares e sob a presença de organizações ambientalistas.

Progresso como significando melhoria da qualidade de vida, consciente e sustentável, em que a atividade extrativista sazonal é simbiótica com a do fenômeno turismo, constitui-se na nossa reflexão, na nossa meta-compreensão fenomenológica.



2 Pressupostos Teórico-Metodológicos

Um movimento fenomenológico em busca da essência das relações sociais que se estabelecem entre o turismo e um lugar de identidade singular é a nossa abordagem teórica-metodológica. Esse referencial se faz necessário para buscar as dimensões do fenômeno turismo a partir do viés de um pesquisador considerado como sujeito situado na pesquisa. Segundo Heidegger (1997), deve-se manter como significado da expressão “fenômeno” o que se revela, o que se mostra em si mesmo.

A fenomenologia apresenta um percurso para a compreensão dos sentidos produzidos pela realidade e na forma como essa se estabelece e se manifesta aos olhos do pesquisador, plena de significados. Este realiza uma interpretação do fenômeno, com um olhar sistemático que se apresenta como uma interpretação possível, nunca conclusiva, sempre em busca de compreendê-lo e não explicá-lo aos olhos do outro.

A preocupação com esse enfoque foi uma constante no percurso da investigação que realizamos. Na perspectiva fenomenológica, pesquisar é “ter uma interrogação e andar em torno dela, em todos os sentidos, sempre buscando todas as suas dimensões” (FINI, 1994, p. 24). Nossa indagação fundamental: o que é progresso? Esse foi o fio condutor de nossa indagação sobre o fenômeno turismo para interpretar até que ponto pode vir a ser fator de sustentabilidade, um turismo sustentável.

Uma fenomenologia da construção de nosso objeto de investigação se faz necessária para explicitar os pontos de partida de ordem subjetiva, metodológica e teórica que fizemos uso. A reflexão sobre nosso mundo-vida, isto é, nosso mundo pré-reflexivo em que se dá nossa existência, de onde surgem as inquietações, base do exercício da dúvida metódica, é fundamental para explicitar as raízes existenciais dos contornos do olhar do pesquisador.

Referenciamos nossa vivência na então pequena e relativamente isolada comunidade de Trancoso, município de Porto Seguro, sul da Bahia, durante o janeiro de 1981, em que o único acesso era pela praia, na maré baixa, não havendo energia elétrica. Seus moradores eram pescadores extrativistas, descendentes dos pataxós da Aldeia de Barra Velha, perto de Ponta do Corumbau, passando por Caraíva, ao todo cerca de 70 km



mais ao sul. Foi o momento privilegiado em que se fundem as concepções sobre o caráter das relações sociais da sociedade envolvente com as de um ambiente comunitário, tradicional, que experimenta a chegada do outro, os de fora, os turistas, inicialmente mochileiros, alternativos, mas, em breve, o turismo de massa, e as consequentes mudanças, transformações e contradições engendradas ao longo do tempo em Trancoso e das quais fomos sempre observador.

Seria esse o preço a se pagar pelo turismo, a desagregação de uma comunidade tradicional?

Na atual pesquisa, realizada para fins de doutoramento, compreendemos que deveríamos interrogar o próprio fenômeno: “(...) não basta vivê-lo, pois, na imersão, a amplitude da visão se restringe. A compreensão exige transcender (...) e espreitar as diferentes possibilidades através da visão e do sentir do outro. Este ato (...) é buscado na perspectiva de compreender o vivido (...)” (MACHADO, 1994, p. 35).

Partindo da interrogação fundamental do turismo enquanto fator de significado de progresso, percebo que essa indagação provém de uma região de inquérito na qual se localiza o fenômeno e que se constituirá como uma trajetória de pesquisa, como o meio em que se desenvolverá. Posicionando-se enquanto sujeito situado, enquanto sujeito que vivencia o fenômeno do turismo, o pesquisador busca na fenomenologia o *phainomenon* e o *logos*. *Phainomenon* (fenômeno) significa aquilo que se mostra por si mesmo, o manifesto; enquanto o *logos* é tomado aqui como discurso esclarecedor a respeito do fenômeno, o que se quer evidenciar, compreender.

Essa trajetória tem como objetivo buscar a essência ou estrutura do fenômeno que deve mostrar-se nas descrições e/ou narrativas dos sujeitos, do seu mundo real vivido, havendo uma grande ênfase na natureza descritiva do fenômeno pesquisado. Essência, *eidos*, refere-se a um objeto de um novo tipo, se comparado ao objeto individual que originou a primeira intuição empírica a partir da qual se torna possível a intuição essencial. Os discursos, referindo-se às experiências que os sujeitos vivenciam no seu mundo-vida, contêm uma situacionalidade na existência desses sujeitos. Numa maneira de pesquisar fenomenologicamente, na perspectiva de Husserl (1986), não existem fatos ou acontecimentos em si, como realidades objetivas exteriores ao sujeito que as



vivenciam, pois não se admite a dicotomia mundo interior *versus* mundo exterior como realidades em si, ou seja, o fenômeno a ser pesquisado não pode ser tratado como um objeto físico com existência própria.

Para Molina, “(...) a fenomenologia é alternativa para o estudo do turismo. Por meio dela, o turismo pode obter caráter diferente do qual hoje possui e receber um sentido humano” (1991, p. 76), pois, para Bicudo “(...) trabalha sempre com o qualitativo, com o que faz sentido para o sentido para o sujeito (...) como percebido e manifesto pela linguagem; e trabalha também com o que se apresenta como significativo (...) no contexto no qual a percepção e a manifestação ocorrem” (2000, p. 74).

Nessa abordagem, não existe possibilidade de interrogar sobre o turismo em si, mas sim o sujeito que está vivenciando o turismo como uma relação com a realidade, com o outro. Assim, minha região de inquérito está no mundo da experiência, no mundo vivido, que só se constitui a partir de sujeitos sociais que os vivenciam.

Nesse movimento da consciência, que é intencional, ou seja, a consciência movendo-se para o fenômeno, este é interrogado pelo sujeito através dos sentidos e se mostra para este sujeito com uma aparência que é uma primeira abordagem para a compreensão da essência. Aprender a essência do fenômeno, no dizer de Husserl (1986), é voltar ao mundo do vivido enquanto tal. Aprender, aqui no sentido de compreender, na intenção total e não naquilo que as coisas são na sua aparência ou nas suas diversas formas de representação. É ver o modo peculiar de o objeto existir. Ao superar a dicotomia homem *versus* mundo, o pesquisador estará buscando a realidade enquanto vivida e o conhecimento dessa realidade só será alcançado no próprio existir do pesquisador. Isso nos remete à questão da subjetividade que é importante em fenomenologia, pois é ela que permite alcançar a objetividade.

A perspectiva fenomenológica veio ao encontro da necessidade de se buscar um enfoque adequado a uma investigação sobre o turismo em uma comunidade tradicional. Sendo o turismo um fenômeno multifacetado, como as motivações de turistas e as inquietações que orientam o pesquisador, percebemos que poderíamos desenvolver uma abordagem investigativa com base nos pressupostos da fenomenologia referidos. Despontava-me a possibilidade da essência do fenômeno mostrar-se-me, pois se o



fenômeno é tudo que se revela, se manifesta, se doa ao sujeito que o interroga, então ele poderia doar-se a mim como dotado de uma essência, um sentido.

Assim, em nossa trajetória fizemos uma tentativa de deixar de lado tudo o que já conhecíamos a respeito do fenômeno a ser interrogado, realizando um *époché* - redução de toda e qualquer teoria, crença, explicação *a priori* - que consiste no movimento de colocar o fenômeno analisado em suspensão ou evidência. Para a fenomenologia é tudo aquilo que pode ser intuído, analisado e apropriado pela consciência. Intuir significa “passar para dentro da minha experiência”. Lyotard defende que *epoché* “é o método universal pelo qual eu me aprendo como eu puro (...) a redução é, já por ela mesma, enquanto expressão da liberdade do eu puro, a revelação do caráter contingente do mundo” (1967, p. 9). Segundo Dartigues ‘O que Husserl chama ‘redução eidética’ não se obtém, pois, através de manipulações, mas de um esforço de pensamento que se exerce sobre o fenômeno cujo sentido se busca (...) Assim, é por um esforço mental que eu conseguirei descobrir a essência (...)’ (2003, p. 30). Nas palavras de Merleau-Ponty, “seria o colocar em suspense (...) as afirmações da atitude natural, na busca de melhor compreendê-las” (1971, p.51).

O pesquisador é orientado por um sentido, por uma busca de significados que intui e detecta nos discursos e nas situações de fato, que revelam as intenções expressas ou articuladas dos sujeitos. Na perspectiva fenomenológica, todas as formas de objetividade implicam um relacionamento entre pesquisador e sujeito. O sujeito da pesquisa é atribuidor de significados, e o que se busca é a compreensão desses significados; portanto, uma meta-compreensão do fenômeno buscado, o que se constitui numa interpretação.

Para a análise do fenômeno situado, daquele que colocamos diante dos nossos olhos, abandonamos a maneira comum de olhar, estabelecendo contato direto com o fenômeno vivido, através de uma leitura cuidadosa de todas as descrições e registros, quando, então, o pesquisador chega a um sentido do todo, para o conjunto das proposições ontológicas e epistemológicas. As proposições ontológicas ou epistemológicas representam as concepções sobre o fenômeno.



Ao ver que o fenômeno se ilumina diante de si, o pesquisador reconhece-se ligado ao sujeito pesquisado por seu horizonte conceitual e a experiência do sujeito, em que, através da intersubjetividade, estabelece objetivamente os seus resultados.

No entanto, ao fazer a análise da obra de Centeno (1992), que propõe adaptar a metodologia de base fenomenológica ao turismo, Moesch afirma que “A tentativa (...) de ir além das aparências do fenômeno turístico não avança, pois seu objeto de construção teórica são as manifestações aparentes do turismo” (2000, p. 27). Para isso, a autora ampara-se em Bruyne “A fenomenologia seria (...) o método de um positivismo superior, que permitiria voltar às próprias coisas” (1977, p. 75) e Smart, para quem “O mundo real, para os fenomenologistas, é considerado apenas como o indício de práticas externalizantes e objetivantes dos seus membros, e não como representativo de qualquer característica definidora do mundo social” (1978, p. 97).

“O próprio Husserl (...) fez avanços em suas pesquisas, sempre reajustando e reconstruindo conceitos (...) A fenomenologia que aplicaremos é a pura ou transcendental, que é a ciência de essências (eidética) e não de dados de fato” (PANOSSO NETTO, 2005. p. 115). Esse foi o enfoque que adotamos.

Assim como há fenomenologias e fenomenologias, há dialéticas e dialéticas, e os princípios da fenomenologia de Husserl (1986) não são incompatíveis com os da dialética de Kosik (1976). Percebemos, como sujeito situado na pesquisa, que poderíamos desenvolver uma abordagem investigativa com base nos pressupostos teórico-metodológicos referidos. Despontava-me a possibilidade da essência do fenômeno se revelar, doar-se a mim como dotado de uma essência, um sentido, mas, também, compreendido em sua relação com a dimensão de totalidade em que se manifesta e se compreende, vivenciando e interpretando o vivido, interagindo e relacionando-se com os sujeitos da pesquisa no lugar que lhes confere identidade e sobre o qual o nosso objeto de estudos foi construído, indo, portanto, muito mais profundamente que a aparência, meramente positiva, do fenômeno colocado em suspensão. A busca da essência, para a fenomenologia de Husserl (1986), ainda que por outro caminho, tem o mesmo sentido da dialética de Kosik (1976), que busque a relação com a dimensão da totalidade em que o fenômeno se insere, definindo a dialética como sendo o próprio processo do pensamento.



Panosso Netto (2005, p. 140), estudando turistas em Foz do Iguaçu, em 2014, com base numa fenomenologia, afirma inclusive que a pesquisa depende muito mais da atitude e do estado de espírito do investigador do que de um modelo a ser seguido. Segundo o autor, esse fato foi confirmado por dois estudos fenomenológicos do turismo que destacou, Ingram (2002) e Marioli (2002), que utilizaram técnicas diferentes.

3 Uma Investigação Fenomenológica

Após um período de observação e aproximação cautelosa, entrevistei 14 moradores tradicionais, de diferentes faixas etárias, com o auxílio de um gravador, com durações diversas, em suas residências ou na praia, sendo 3 deles descartados. Temos clareza que na escolha do número de sujeitos de uma pesquisa fenomenológica não cabem critérios tradicionais de representatividade, uma vez que o sujeito só representa ele mesmo e não se está procurando certezas pela quantidade de diferentes significados, e sim a qualidade diferenciada das percepções dos sujeitos sobre suas experiências.

3.1 Ponta do Corumbau e o Turismo

Levantando bem cedinho, sentando à beira da praia,
Ainda sentido a brisa da madrugada,
Representando a hóstia consagrada,
Lá vão os bravos canoieiros velejando para mais um dia de jornada,
À noite vem a lua com seu brilho magnífico e a sua luz prateada,
O rio soa ... e o mar com sua suave zoadá,
O peixe está em contato com a natureza nesta praia por Deus abençoada.
(Honorato, 49 anos, pescador e poeta)

A primeira unidade de significado das narrativas dos atores sociais é a identidade com a natureza. O cenário de Ponta do Corumbau é fator de autoestima, possuindo alto valor simbólico para os moradores Raimundo, 43 anos, pescador, resume o sentimento acolhedor do nativo diante do turista:

O turismo aqui, pra comunidade, é uma diversão, um divertimento. Chega pessoas de fora, inclusive todo o pessoal que chega de fora eles têm um prazer muito grande porque a gente temos muito tempo, não só eu como todo mundo



Fórum Internacional de Turismo do Iguassu

aqui, pra conversar, explicar para o turismo como é, como já foi, e você sabe disso: quem vem de longe e nunca veio aqui, vê bonito mas quer saber se realmente era assim, bonito ou não. E todo mundo, os nativos daqui, tem um prazer muito grande de conversar com estas pessoas (...) O pessoal se sente feliz porque ele mora em um lugar valorizado.

Ocorre uma convergência de significados acerca do processo de ocupação, percebendo-se uma contradição tempo presente e passado. Para Raimundo:

Corumbau era um lugar bom e continua sendo, mas era um lugar mais difícil, a gente não tinha acesso a nada, mesmo de ir à cidade; era aqui, escondido, que a gente dava o nosso recado, negociava, tudo aqui, na roça. (...) isso aqui era uma comunidade isolada por terra. Foi com a construção da estrada que começou uma expansão. A gente morava do outro lado do rio, com as casas espaçadas, cada um na sua propriedade. Foi na época que veio a desapropriação do Parque Nacional, a Reserva Florestal do Monte Pascoal.

Honorato concorda:

A vida era uma vida tranquila também porque não tinha vários movimentos, mas também não tinha lá essas condições de sobreviver porque não tinha gente, não corria dinheiro. Tinha tudo com facilidade, o combustível [alimentação] era farto, mas não corria dinheiro. Era difícil arrumar um remédio, transporte. A vida melhorou numa certa parte, na outra parte piorou (...). O lado positivo das coisas é que hoje nós temos estrada, antes tinha que andar 12 léguas a pé para comprar um remédio, a não ser que a gente fosse mexer na floresta, tirar remédio da floresta. E a partir daí hoje temos estrada, um ônibus que sai às 6 e retorna às 6 [da tarde], então tudo já facilitou mais nessa outra parte.

Milton, pescador, 54 anos, manifesta saudosismo:

Aqui era uma vila de pescadores. Todos os pescadores faziam a sua pesca artesanal, de canoa, era uma vida boa e ao mesmo tempo difícil. Porque não tinha meio de transporte nenhum, as mercadorias que nós comprávamos aqui era tudo de outros lugares, com dificuldade para chegar aqui em Corumbau. A impressão que eu tinha era que a vida até não era tão boa, de pegar os peixes também, a gente salgava todos, a gente pescava em canoa, não tinha barco. Existia muita fartura, muita fartura mesmo, aqui, rede de arrasto, rede de malhar, de linha. A população era menos, começando aqui com uma base de 5 famílias, nesta vila. Isto está com base nuns 25 anos, por aí. E aí o pessoal foi chegando pra cá, foi descobrindo. [O que fez a vida aqui mudar, começasse a vir mais gente? Foi a estrada?] Foi a estrada e também pela fartura que existia aqui dentro, de peixe, de pescado e bela beleza do lugar, pela tranquilidade que a gente vivia há 25 anos atrás, 30 anos, aquela vida mais tranquila. Não tinha, como eu tô falando, não era bom para sobreviver assim



Fórum Internacional de Turismo do Iguassu

porque tinha mais dificuldade, mas tinha mais tranquilidade, paz, não existia violência, o pessoal se entendia um com o outro, respeito um com o outro. E a população foi crescendo e o pessoal começando a se dividir, se desunir.

A questão espacial e imobiliária envolvida no desenvolvimento do turismo e crescimento populacional da vila de Ponta do Corumbau é um fator estruturante nos depoimentos de todos os atores entrevistados. Ponta do Corumbau não tem para onde crescer (Foto 1). Do seu lado litorâneo norte temos o rio Corumbau, divisa com o Parque Nacional do Monte Pascoal Pataxó; o mar, à frente, ao leste; um mangue atrás da vila, à oeste; ao sul, por uma estrada de terra rente ao mar e que dá o único acesso rodoviário à vila, apenas alguns grandes proprietários de terras e pousadas requintadas.



Foto 1: Ponta do Corumbau / BAHIA TURSA 2017

Nós vivemos daqui, do lugar, então o povo de fora vem tirar nossos ganhos daqui, os empresários de fora vem botar suas pousadas grandes aqui e acaba com o lugar. (...) os nativos hoje não tão mais na frente (...) vão ficando lá naqueles canto, chega um e fala: ah, aqui vale quanto? Dez mil reais. O dono do terreno acha que vale um bom dinheiro e que não vai acabar mais então vende, vai pro fundo. Aqui tá acontecendo isso. (...) o pessoal acha que é muito dinheiro, ele não para pra pensar que com esse dinheiro não vai dar pra sobreviver, nem aqui nem em outro lugar. Pega aquele dinheiro, o cara toma



Fórum Internacional de Turismo do Iguassu

posse do terreno e aí se tiver um outro lote ele vai construir no fundo e os home vão tomando conta do lugar. Aí vamos perdendo toda a tradição; os que compram ficam na frente, e os que vendem ficam no fundo. Daqui a pouco eles vão se aborrecendo, já não tão dando certo mais com o vizinho, com eles mesmo, vão apertando, apertando e depois torna a vender o fundo e aí eles vão embora. Então a dificuldade que tá mais existindo é essa, né, principalmente união. (Milton)

Mas manifestam um apreço pelo turista de “qualidade”. Para Raimundo:

Veja bem, o turismo aqui, em Corumbau, a gente vê que eles vêm, vêm bastante turista, e o turismo vem com um carinho muito grande por isto aqui, porque é um lugar bonito, né? Apesar de ser difícil chegar aqui, condução e tudo mais, mas isto não é reclamação. (...). O que a gente vê aqui, chega um pessoal, um turista de qualidade, um turista que ele traz um dinheiro ele gasta aqui na vila. Ele compra uma ostra do nativo, tem esses que já têm um restaurante, né, barraca na praia, ele gasta ali e esse próprio pessoal que já tem um restaurante, barraca na praia, eles também compra o peixe na mão do pescador. Então, de qualquer forma, circula um dinheiro na comunidade, né? Então, pra gente aqui, é uma grande coisa o turismo.

O turista é percebido como alguém que traz o dinheiro que circula na vila:

O turismo traz benefícios. O turistas chegam aqui mas não ficam aqui porque ainda não tem uma estrutura adequada, tem poucas pousadas. Os que vem de barco, os que vem de carro, acampam aí nas castanheiras. Então, o que acontece, eles vêm e no único caminho eles têm vão tomar uma água mineral, já deixa um dinheirinho na barraca, no comércio, depois os índios vendem muito o artesanato e o pescador vende o peixe nas barracas mais bem vendido, nas pousadas que têm hóspede; e vende pros índio também que eles tá com o dinheiro da venda do artesanato. (Honorato)

Ah, o turismo traz coisa boa, né? O principal é dinheiro que eles trazem, né? Pra mim são pessoa muito boa, educada, né, que traz o dinheiro. E quando passa o verão mesmo o negócio fica difícil. Enquanto o turista frequenta as barracas, compra o artesanato nas mãos dos índios. A barraca já tem como comprar o peixe, um camarão, um siri, um caranguejo por um outro preço e todo mundo sai ganhando. (Ulisses, 61 anos, nativo, comerciante)

No entanto, são também identificados malefícios:

Tem nego aí com 14 anos e não se importa de fumar droga. Se entrosa com eles, com o pessoal de fora. Aqui mesmo não tem. Eu conheço esses quintal todo aí e nunca vi. [Esse pessoal de fora são os turistas?] É. [O



Fórum Internacional de Turismo do Iguassu

turismo traz benefício ou malefício para cá?] Uns traz benefício, vem gastar aqui, mas outros vem destruir. [Como assim?] Eles vem, chega ali, some lá na boca da barra e lá vai fumar, cheirar ... eu não aceito isso. (Zeca, pescador, 49 anos)

O turismo, a pessoa que faz o turismo, o turista mesmo não prejudica, ele só traz benefício pro lugar. A única coisa que prejudica aqui dentro é a pessoa que vem no lugar do turismo fazer coisa errada aqui dentro. Fumar, essas coisa, influenciar os jovens, isto não é o turista, é o que vem no lugar do turista. Mas o turista que é turista mesmo que só vem passear, conhecer, gastar um pouco com o povo do lugar, comprar uma coisa na mão do índio, comprar com o pescador (...) esse turista é o turista bom. (Milton)

Geraldo, 43 anos, comerciante, antigo pescador, aponta impacto ambiental: “(...) na pesca submarina tá tendo algum problema aí, no mergulho, porque eles (os turistas) só podem ir mergulhar pra ver o peixe; então eles não podem matar. Mas, é só isso aí, outra coisa eles só trazem benefício pro lugar”.

Issara, 18 anos, da Equipe Ambiental, evidencia em sua narrativa um significado crítico quanto à questão do turismo, interligando a questão do choque cultural das drogas com o processo paulatino de incorporação imobiliária pelos “de fora”. Indagada se o turismo traz alguma consequência negativa para a comunidade, ela foi enfática:

Traz, não bem consequência, mas traz sim. O turista vem, fumam drogas, e a maioria dos jovens tem a mente fraca, quer divertir, isso é uma consequência muito perigosa. [Além disso?] (...)Tem muitos turistas que vem e querem aqui comprar, querem pra eles, a maioria. Os empresários fortes que têm aqui, por eles, ficaria tudo pra eles o que tem aqui. Isto é o que o turismo acaba trazendo. Mas eu estou otimista quanto ao futuro.

3.2 A Ação Comunitária, do Estado e das ONGs

A curta história de Ponta do Corumbau é plena de significados ao nível da resistência e luta comunitária diante de interesses externos. Segundo Milton, antigo presidente da Associação dos Pescadores de Ponta do Corumbau:

Uns pouco tempo atrás nós tinha só uns barquinho, mas bem pouco. Tinha muita fartura, peixe à vontade, pescava todo dia, a hora que quisesse. Caranguejo, camarão tava aí sobrando, tinha muito camarão mesmo. Então



Fórum Internacional de Turismo do Iguassu

começou a vir pessoas de fora, os empresários, com barco muito equipado, e começaram a infiltrar aqui dentro. Isso tá com uma base de uns 10 anos. Eles começaram a vir pra cá. Aí eles chegaram aqui, acampavam aqui dentro, ia pra barra, enchia de barco de fora aqui dentro, pescava aqui na área todinha, então eles veio com tudo, sempre dando tudo, uma pescaria desordenada. O povo daqui estava perdendo tudo que tinha, esse povo tava acabando com tudo, levando tudo e não deixando nada aqui dentro. Eles começaram a tomar conta da área. Se continuasse do jeito que estava aqui não dava para sobreviver mais. A depredação tava demais. (...) Então eles tavam gerando violência. Tomavam cachaça, viviam aí pelos butecos, falavam alto, falavam palavrões, mijavam na porta das pessoas e a gente daqui, que era pouca, ficava até assombrada mas não podiam fazer nada. Era muito homem, muita gente, então ninguém ia brigar com eles. Eles tavam tomando conta da vila. Tava todo mundo queixando e a gente: como é que vai fazer?

Os moradores procuraram ajuda da Fundação Nacional do Índio, da Capitania dos Portos de Porto Seguro, e, sem resultados, passaram a tratar com o Conselho Nacional de Populações Tradicionais do Ministério do Meio Ambiente, em Brasília. Após vários abaixo-assinados e manifestações, Milton conseguiu uma entrevista à Globo em rede nacional e cinco entrevistas com o Ministro. Três anos depois do início do movimento social, no dia 21 de setembro de 2000, a segunda Reserva Extrativista (RESEX) Marinha do Brasil foi constituída por decreto presidencial, tendo Corumbau como sede. O dia é comemorado todos os anos no lugar, dados os benefícios auferidos para a comunidade.

Honorato afirma o papel fiscalizador do órgão ambiental do Estado:

A atuação do IBAMA é uma atuação normal. Por decreto-lei do presidente ela tem que permanecer dentro da RESEX dando assistência. Mas hoje, quando a gente procura o servidor do IBAMA que é chefe da RESEX [que está estabelecido em Cumuruxatiba, apesar de Corumbau ser a sede], ele vai dar uns pulo no barco fora da área aqui. A gente fala para o barco de fora: olha, aqui é uma área de conservação federal, uma RESEX, vai embora! Não, não vou não, porque eu posso pescar, eu tenho meu documento de pescador. Então a gente vai tomar as devidas providências. Aí, convoca o IBAMA, o IBAMA vem, faz a apreensão.

Já Milton faz algumas críticas tanto ao Instituto Brasileiro do Meio Ambiente - IBAMA quanto à ações de organizações ambientalistas na região:

O IBAMA tem o papel dele, na fiscalização. Não tá adequada, a fiscalização não tá indo bem, mas o papel do IBAMA é a fiscalização. As ONGs vêm fazer pesquisa aqui dentro, fazer os estudos, vê se a produção tá aumentando, tá



diminuindo, monitoramento da pesca (...) mas no momento as ONGs não fizeram nada aqui pra dentro da RESEX. Não entrou quase benefício nenhum.

3.3 A Qualidade de Vida e a Consciência Política Ecológica

Aqui em Corumbau o principal problema da comunidade é, hoje, uma energia. A energia, a água, é uma coisa principal. Porque a gente temos os pescadores que estão pescando agora aqui, se eles têm energia em casa, à tarde, quando eles chegam... A gente sente uma falta dela muito grande, em termos de armazenar o pescado, manter o peixe fresco para o próprio pescador se alimentar, nem tanto para comercializar mas para se alimentar, um camarão, um peixe; isso como tá tem que pegar e vender senão com certeza perde. Então, isso é o principal para a comunidade. [Como é feita hoje em dia essa questão da comercialização do pescado?] O camarão vem, vai para o defumador, daí ele é salgado e vai embora [para Salvador]. O peixe você põe no gelo, isso já é o atravessador; aí põe no carro e leva pra vender na cidade mais próxima. O pescador tem que vender pelo preço que tiver, tanto o camarão quanto o peixe. Se existisse energia seria possível (...) uma câmara frigorífica da Associação de Pescadores e isso aumentaria o poder de barganha do pescador. Inclusive, com energia e água, o Posto Médico que é a saúde do povo também. Tendo energia isso já pode ser encaminhado. (Raimundo)

Perguntei a Geraldo os motivos que dificultavam a chegada da energia elétrica à Ponta do Corumbau, uma vez que o local encontra-se a apenas 8 km da rede elétrica:

Olha, eu acho que é falta de interesse de empresários juntamente com a prefeitura, eu acho que falta um interesse muito grande aí desse povo aí que, até porque a data da eleição aí o prefeito falou que a primeira coisa que ele ia fazer por Corumbau seria colocar a energia, se ele fosse eleito. E ele prometeu isso para a comunidade. [Você acha que esses empresários não têm interesse em trazer a energia para cá por quê?] Hoje, não, mas teve tempo aí que eles queriam comprar Corumbau, eles queriam comprar. Inclusive tinha um projeto para Corumbau ser um condomínio fechado. [Tem quanto tempo que isto surgiu?] Isto surgiu tem um ano, mais ou menos. [Chegaram a fazer a proposta de compra?] Eles queriam comprar, mas aí, compraram alguns lotes aí, mas o pessoal não quis mais vender. Foi o tempo que chegou esta igreja [aponta para a Igreja Evangélica Maranata] também, aí ficou mais difícil pra eles. Mas o interesse deles era esse.

O turismo potencializa a renda dos pescadores, mas provoca contradições:

O pessoal de fora começaram a construir pousadas, os nativos começaram a vender seus terrenos, a entregar a terra pra eles, e o movimento foi crescendo



Fórum Internacional de Turismo do Iguassu

e então por esse motivo prejudicou bastante o pessoal tradicional do lugar, porque foram tomando espaço. [O turismo começou a chegar aqui quando?] O turismo com base de uns 8 anos quando ele começou a crescer o turismo aqui; aí eles descobriram que o lugar era bonito, que o pessoal tava preservando muito e eles começaram a chegar. Aí esse pessoal de fora, os empresários, começaram a criar o olho e foram construindo pousadas e aí já foi começando mais o povo a perder sua tradição, seus direitos, então o turismo nesse sentido prejudica um pouco. Porque o seguinte: antes a gente fazia o turismo nesses barquinho pequenos, de canoas, no rio, ganhando o seu dinheiro, vendendo alguma coisa mais bem vendida na beira da costa, os turistas procuravam mais o povo nativo, então a gente ganhava com isso. E agora não. Tem as pousadas e eles ficam lá, com seus pacotes, já fazem suas coisas por lá, diretamente nas pousadas. Então, os turistas não deixam nada com as famílias. Eles ficam lá, o que tem de beber eles bebem lá, o que tem de comer eles comem lá nas pousadas. Passeio de barco, as pousadas já tão tendo barco para poder fazer passeio, então com isso o povo tá vendendo. (Milton)

Milton responde se os mais jovens tendem a ficar ou a sair do lugar:

Eles não conseguem ir pra cidade porque o seguinte: eles não têm uma estrutura adequada, não têm muito ensino, quando chega na 5ª série ele para por aí, então não pode desenvolver um trabalho mais fora. Com o ensino que arruma um emprego melhor, hoje em dia, sabe como é que é, em todo lugar o que vale é o estudo. Tendo estudo ele adquire um emprego mais fácil; quem sabe mais pouco fica com o trabalho pesado. Então eles não vão sair daqui pra ir pra outro lugar porque não tem estudo suficiente. [E aí eles vão seguir a profissão do pai, de pescador, ou vão fazer outra coisa?] Aqui praticamente não temos como fazer outra coisa, a não ser a pesca. Se uma pessoa não pescar aqui aí não dá pra ele sobreviver aqui dentro. Não tem assim uma indústria pra ele trabalhar, então eles têm que seguir o mesmo ritual dos velhos. Ele vai crescendo, daqui a pouco ele vai comprar um barquinho aí ele vai pescando junto com o pai, e quando o pai para de pescar ele vai tomar conta no lugar do pai e vai vivendo a vida. Ninguém sai daqui, quase.

Entrevistados demonstram uma consciência ecológica, buscam preservar o lugar:

A estrada, não queremos asfalto, mas queremos uma estrada preservada. [Não querem asfalto por quê?] É porque o asfalto, no meu pensamento, o asfalto até aqui dentro vai gerar muita coisa, violência... Queremos uma estrada mais ou menos, só para não ficar sem estrada; conservada, esta estrada, seria ótimo (...). O asfalto até aqui vai gerar muita violência, muita gente aqui, vai gerar besteira (...). Aí, pessoas vêm, bandidagem, pode ter gente ladrão, pessoas mau, o asfalto traz muita coisa, muita consequência. (...) Melhor ter uma assistência médica aqui, um posto de saúde é necessário. O ensino de uma qualidade mais elevada; não tem a 5ª série aqui. (Milton)



Fórum Internacional de Turismo do Iguassu

Nota-se, inclusive, uma percepção da baixa capacidade de suporte ecossistêmico:

Nós mesmos, que moramos aqui, não temos interesse no asfalto, e nunca vemos uma reclamação do turista que tem que ter asfalto para chegar aqui. Nós também não temos interesse no asfalto porque a cidade, o povoado aqui é muito pequeno, né, então o asfalto vindo pra qui no Corumbau...; talvez eu tô falando por um pouco de pessoas, mas a minha visão é que o lugar não suporta, é muito pequeno, uma grande quantidade de pessoas. E realmente é um lugar muito bonito, muito bom, mas não tem o conforto de receber uma grande quantidade de pessoas, muita gente. (Raimundo)

Segundo Geraldo, “(...) em reuniões que a gente fizemos decidimos não colocar energia na rua pra não clarear as praias, pra não impedir as tartarugas. Foi esse o motivo. E todo mundo concordou em não ter lâmpadas nos postes”.

Ao mesmo tempo, o turismo sazonal tem potencial enquanto fator de sustentabilidade econômica e social da comunidade extrativista, por adequar-se aos ciclos ecológicos do ambiente marinho:

[O turismo traz algum malefício?] Não, de jeito nenhum, de jeito nenhum. A gente temos praticamente 2 meses com o turismo, no caso, e temos 10 meses de baixa temporada. O que sustenta o pessoal aqui na baixa temporada é a pescaria. Mas quando chega o verão a água clareia, né? Então no inverno precisa de grande quantidade de pescado. No verão, qualquer quantidade de pescado, pouco, você consegue ter um retorno do mesmo dinheiro que você tem com a quantidade de pescado. Porque o peixe encarece um pouco, né, a falta do peixe faz o pescador ganhar mais um pouco com isso. Pesca-se menos pela questão da água clara mas vende-se o pescado a um preço maior. A água clareia e o peixe afugenta. Então o pescador conta com o melhor: ha, vai chegar o verão, vai chegar o verão, como os vendedores torce que se o verão fosse durar o ano todo ela sobrevivia melhor, tinha melhores condições financeiras. (Honorato)

Para Raimundo,

(...) o que faz muito mudar de lugar é a falta de energia, a falta de água, a falta de posto médico, a falta da escola, entendeu, pois hoje os filhos de alguns aqui estão morando na cidade, porque a escola aqui não tem mais um grau então eles foram pra cidade (...) E tudo que é vendido aqui eu não digo que vai viver uma vida de rico na cidade mas vai viver tranquilo. Os terrenos estão valorizados. Eu quero dizer pra você que aqui no Corumbau não tem preço. Não tem preço pelo seguinte: se olhou, gostou, o preço quem dá é o dono e o comprador (...).



3.4 Progresso, Conscientização e Sustentabilidade

Orientando a condução das entrevistas, a pergunta: o que é progresso?

O que eu conheço que é progresso se trata de um desenvolvimento, vamos supor, Corumbau, que é um lugar que a gente moramos, tinha só casinhas de palha, não tinha estrada, então a gente já temos estrada, temos casa construída, e eu entendo que o progresso seria isso, o desenvolvimento, aquela coisa mudando pra melhor. (Raimundo)

Progresso dessas pessoas daqui é eles viverem em paz, é ter sua condiçãozinha de sobreviver com sua família, é ter um posto de saúde daquele lado ali - oh, pó, eu tô com dor de barriga que eu não aguento mais, tô com febre, não tem como eu ir lá pra rua agora que o ônibus saiu - ali tem um atendimento, tem uma água adequada na sua própria casinha, pro cê tomar um banho, pra mulher lavar uma roupa, chega um amigo da gente de outro lugar e a gente tem como receber... Melhoria da qualidade de vida. (Honorato)

Progresso é desenvolvimento, é gerar emprego, ter mais renda pro povo. (Milton)

Aos jovens estudantes: como você imagina Ponta do Corumbau daqui a 30 anos?

Se as pessoas se conscientizarem a não vender mais terra aqui, se descobrir que a melhor maneira de melhorar o Corumbau é todo mundo se unir e fazer com que ele cresça, não crescer em construir casa, tudo, crescer em conhecimentos e valor, aí eu acho que será muito melhor aqui no Corumbau. [Você acredita que isso vai acontecer?] É muito difícil mas eu acredito. [Você é otimista?] É. (Maria José, 18)

Mais evoluído, já tendo energia, posto de saúde, escola, melhoria da estrada. [Você acha que ainda vai ter pescadores daqui a 30 anos?] Eu espero; têm muitos ainda, mas se continuar desse jeito vai ter menos, muito menos. Porque muitos vão querendo sair daqui e ir pra outro lugar em busca de melhorias, condições de vida pra eles. Então eles saem daqui vão pra Coroa Vermelha como muitos já foram e voltaram de novo, voltaram pra cá. Mas muitos ainda pensam em vender seus terrenos e em sair daqui. [Você acha que isso é a maioria? Será que daqui a 30 anos a maioria do pessoal saiu daqui?] Acho que sim. Se eles se conscientizar que aqui é o lugar deles, a gente consegue. Se não se conscientizar disso, a maioria vai embora, vende os terrenos, vai embora. Eu não quero isso: daqui a 30 anos só ter o pessoal de fora aqui (...). Quando eu voltar ter só o pessoal de fora; não, eu não quero isso. Eu quero encontrar a comunidade, mas eles precisam se conscientizar disso. (Issara, 18)



Fórum Internacional de Turismo do Iguassu

Eu acho que Corumbau vai melhorar, só não tem como crescer, mas vai melhorar. [Vai continuar tendo pescador?] É, se os pescadores não venderem tudo agora. Eu acho que as pessoas pensam que Corumbau não é bom, aí começa a vender, aí começa a chegar mais gente de fora. Agora parou um pouquinho, mas tem essa tendência. (Jaqueline, 16)

Vai ter energia, uma estrada boa. [Estrada boa é estrada asfaltada?] Não, eu não quero que asfalte não. [Por quê?] Porque eu acho que vai aumentar a violência. [E os pescadores vão estar pescando ainda?] Vão, vão estar pescando ainda. [Você acha que há uma tendência do pescador ir abandonando a pesca para se tornar funcionário de pousada, por exemplo?] Não, eu gostaria que os nativos daqui fossem donos de pousada também, porque atualmente só os de fora é que têm pousadas. Em Cumuruxatiba e Caraíva têm nativos que são donos de pousadas e continua existindo pescador. (Poliana, 17)

Aqui o movimento vai crescer muito aqui, eu acho que vai acabar a tranquilidade que tem aqui. Porque já tá bem diferente do que como era antes, e de 10 anos pra cá já mudou bastante. [Você acha que alguma coisa pode evitar isso?] É a consciência dos moradores daqui mesmo, que começa a vender o terreno deles pra sair fora e aí vai vendendo e aí vai chegando o pessoal de fora, eles vão perdendo o direito deles. (...). É isso que vai acontecer, mas se as pessoas tiverem mais consciência não faz isso, não faz esse tipo de coisa. (Bit, 23)

Finalizando: o que você espera do futuro?

Eu espero que a gente continuar aqui, né, e a gente acabe de criar nossos filhos e aqui procurar outras pessoas, da RESEX, o prefeito, pessoas que se interessem de trazer mais alguma coisa pra qui e a gente ter uma vida melhor. (Geraldo)

Eu espero do futuro o seguinte: que isso aqui melhore de uma forma equilibrada, que o povo aqui ainda tenha condições de sobreviver aqui dentro, que nossos filhos ainda dá conta de viver aqui, trabalhar, criar a sua família. (Milton)

Bom, eu espero do futuro que esse pessoal tenha boa intenção de cada cabeça, da cada nativo, que eles segure seu lugarzinho e que não saia porque senão vai acabar se perdendo no meio do caminho e tem muita gente aqui que não sabe nem o que é viver lá em baixo quanto mais em cidade grande. Porque se ela vender ela vai ter que sair: porque eu só tenho essa casa aqui; se eu vendo, ah, meu amigo, tchau, eu vou ter que ir me embora, pra onde? Eu não vou pedir um lugar pros outros e ninguém vai me dar também um pedaço de terra. (Honorato)



4 A meta-compreensão

Meta-compreensão é o que Husserl denomina *cógito, cogitatum*, ou seja, pensar o pensado. Esta interpretação não é conclusiva, pois não há conclusão na pesquisa fenomenológica. Os pesquisadores fenomenológicos constroem seus resultados a partir da interpretação, o que significa transcendência, ou melhor, realizar uma reflexão sobre a própria reflexão. O objeto da investigação não é o acontecimento em si, mas a natureza subordinada à maneira humana de pôr o problema. O pesquisador busca nas descrições, as convergências, as unidades de significados selecionadas nas narrativas para um discurso em forma de asserções que indiquem o mais fielmente possível as ideias articuladas no discurso dos sujeitos. A essência ou estrutura do fenômeno não é o fim da análise, mas o meio através do qual se pode trazer à luz o que as relações vividas apresentam de ordem geral ou de aspectos idiossincráticos. Os significados provenientes de uma descrição não estão estreitamente limitados à experiência do indivíduo do qual eles emergiram, não pertencem à uma única realidade, mas a de vários outros, sem que isto implique em pertencer a todos os sujeitos. Assim, não se têm proposições de ordem universais, mas gerais. Trata-se de uma profunda reflexão sobre a estrutura do fenômeno. Este é o momento da interpretação, que são as generalizações feitas a partir das convergências das unidades de significado que, entretanto, permanecem abertas à novas interpretações.

Problematizar o turismo enquanto progresso nos conduziu. A identificação e análise das unidades de significados indicam que a tendência de perda do espaço é a principal preocupação quanto à desagregação comunitária, em que pese a unanimidade da percepção do fenômeno turismo como portador de benefícios. A identidade étnica, o histórico da luta social, a consciência política e ecológica, são fatores de contra-tendências e pela sustentabilidade do lugar, cuja singularidade motiva a ocorrência de um turismo que se realiza entre ambientes ecológicos protegidos pelo Estado, por empreendedores particulares e sob a presença de organizações ambientalistas. Progresso como significando qualidade de vida, consciente e sustentável, em que a atividade extrativista sazonal é simbiótica com a do fenômeno turismo, é a nossa reflexão final.



Referências

BICUDO, M. A. V. **Fenomenologia**: confrontos e avanços. São Paulo: Cortez, 2000.

BRUYNE, P. **Dinâmica da pesquisa em ciências sociais**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

CENTENO, R. R. **Metodología de la investigación aplicada al turismo**. México: Trillas, 1992.

DARTIGUES, A. **O que é fenomenologia**. Trad. Maria José J. G. de Almeida. 8.ed. São Paulo: Centauro, 2003.

FINI, M. I. Sobre a pesquisa qualitativa em Educação, que tem a fenomenologia como suporte. In: BICUDO, M.A.V.; ESPOSITO, V.H.C. (orgs.). **Pesquisa Qualitativa em Educação**: um enfoque fenomenológico. Piracicaba: Editora UNIMEP, 1994.

HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. Parte I. Petrópolis: Vozes, 1977.

HUSSERL, E. **A Idéia da Fenomenologia**. Lisboa: Edições 70, 1986.

KOSIK, K. **Dialética do Concreto**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976

MACHADO, O.V.M. Pesquisa qualitativa: modalidade fenômeno situado. In: BICUDO, M.A.V.; ESPOSITO, V.H.C. (orgs.). **Pesquisa Qualitativa em Educação**: um enfoque fenomenológico. Piracicaba: Editora UNIMEP, 1994.

MOESCH, M. **A produção do saber turístico**. São Paulo, Contexto, 2000.

LYOTARD, J. **A fenomenologia**. Lisboa: Edições 70, 1967.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Livraria Freitas Bastos, 1971.

MOLINA, S. **Conceptualización del turismo**. México: Limusa, 1991.

PANOSSO NETTO, A. **Filosofia do turismo**: teoria e epistemologia. São Paulo: Aleph, 2005.

SMART, B. **Sociologia, fenomenologia e análise marxista**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.